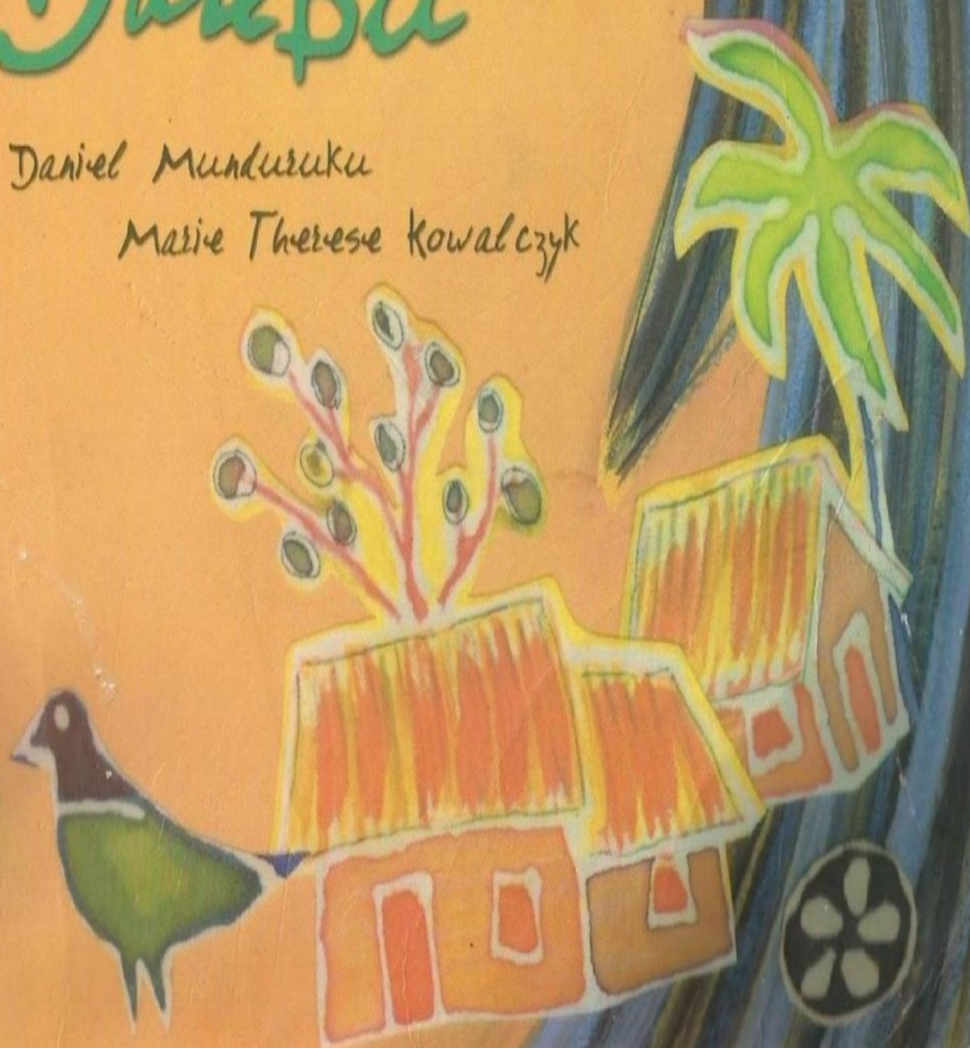
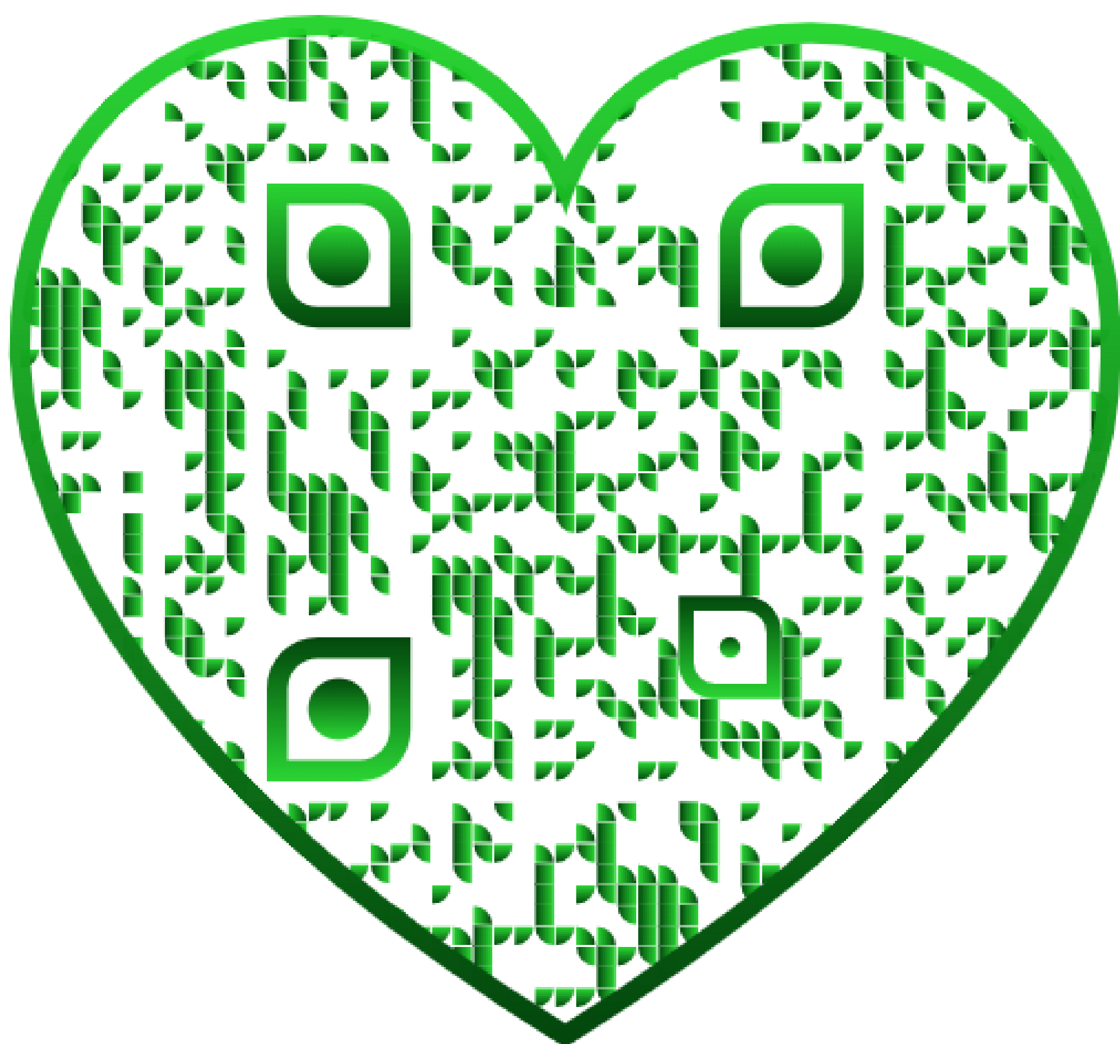
Obra atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

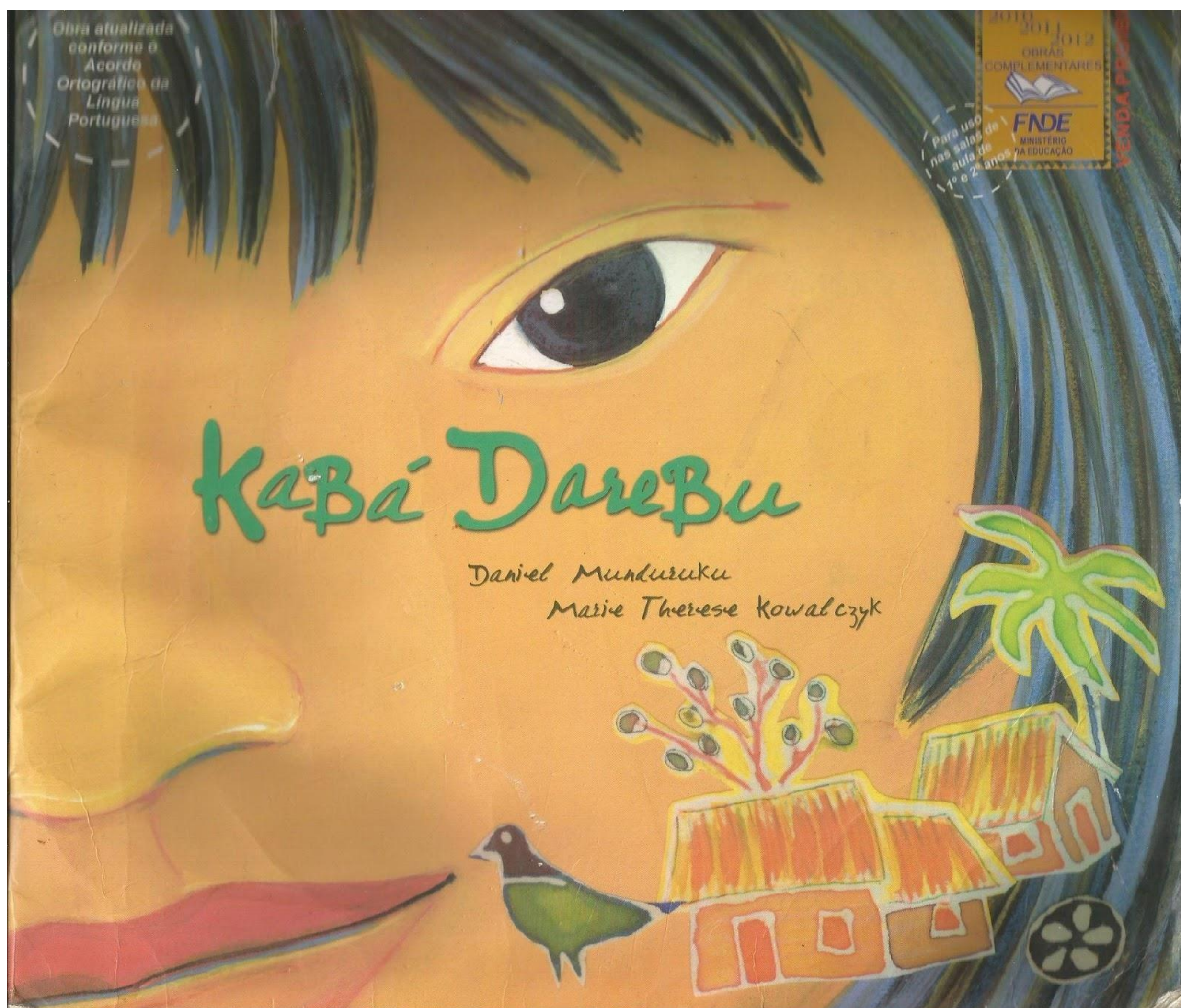
2010 2011 2012
OBRAS COMPLEMENTARES
FNDE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula de 1º e 2º anos
VENDA PROIBIDA

Kabá Darebu

Daniel Munduruku
Marie Therese Kowalczyk






Obra atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
2010 2011 2012
OBRAS COMPLEMENTARES
FNDE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula de 1º e 2º anos
Kabá Darebu
Daniel Munduruku
Marie Therese Kowalczyk



Kabá Darebu

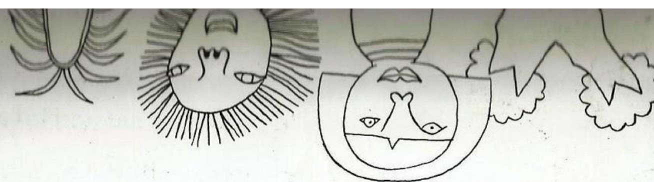


Daniel Munduruku

9ª reimpressão

BRINQUE-BOOK

Maté



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Munduruku, Daniel 1964-

Kabá Darebu / Daniel Munduruku ; [ilustrações Marie Therese Kowalczyk. - - São Paulo : BRINQUE-BOOK, 2002.

1. Literatura infanto-juvenil I. Kowalczyk, Marie Therese . II Título

ISBN 85-7412-086-3

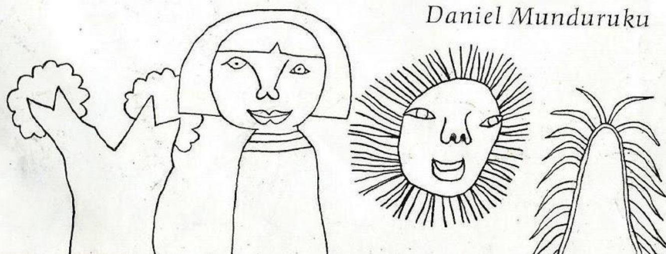
01-5658 CDD-028.5

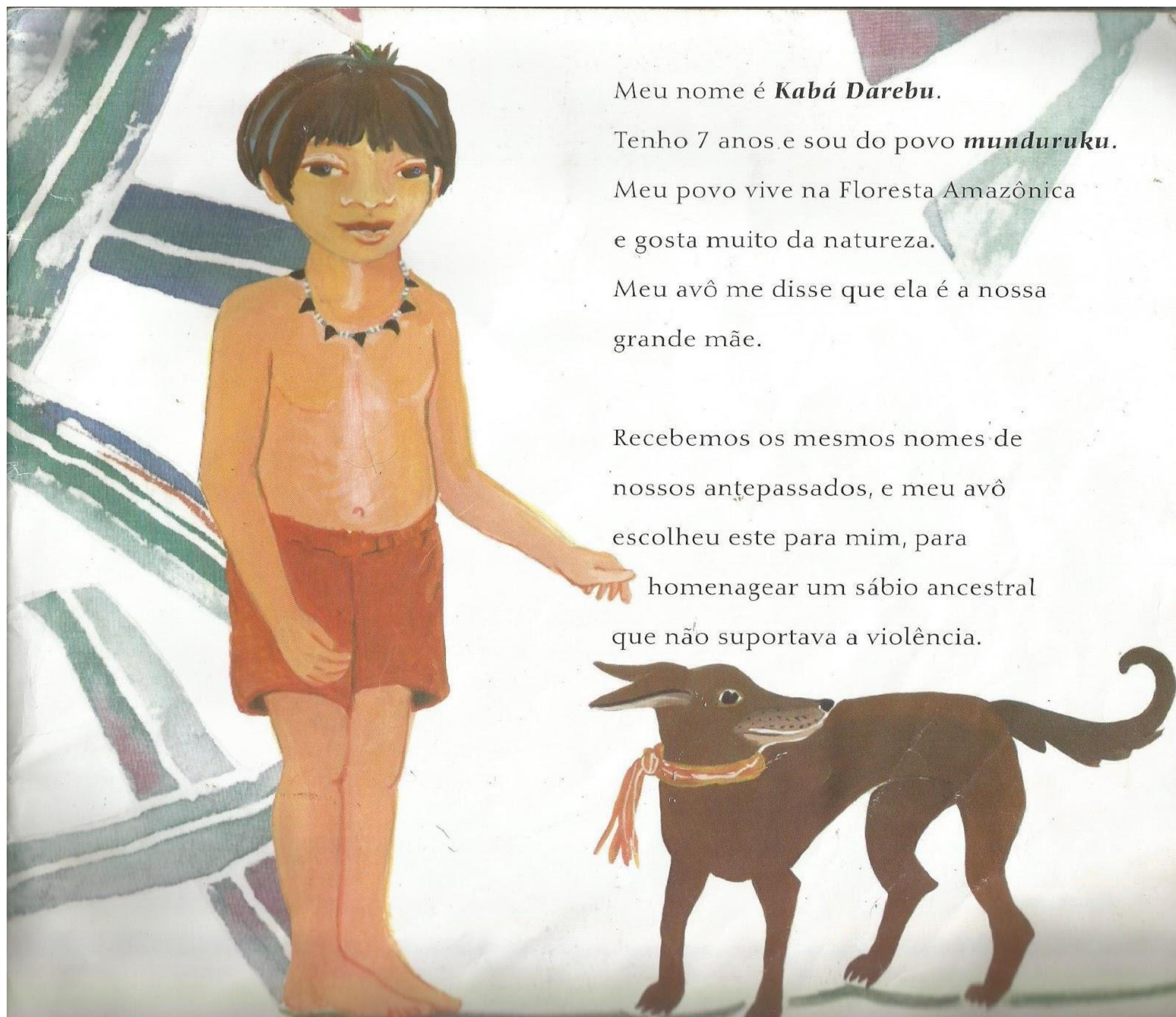
Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

A todos os novos amiguinhos que estão me enviando correspondências e desenhos, eis aqui um pouco mais do meu povo, como gratidão por tanto carinho. É uma homenagem também ao Ramon e ao Fabrício, dois inquietos nativos de Santarém.

Daniel Munduruku





Meu nome é ***Kabá Darebu***.

Tenho 7 anos e sou do povo ***munduruku***.

Meu povo vive na Floresta Amazônica e gosta muito da natureza.

Meu avô me disse que ela é a nossa grande mãe.

Recebemos os mesmos nomes de nossos antepassados, e meu avô escolheu este para mim, para homenagear um sábio ancestral que não suportava a violência.

Meu povo vive em casas feitas de barro, cobertas com folhas de palmeiras.

É gostoso morar nesta casa porque de dia fica bem ventilada e à noite ela é bem fresquinha.

Na nossa língua nós a chamamos ***UKA'A***.

Assim é minha casa...



Dentro dela cabe muita gente: papai, mamãe, meus irmãos e irmãs, meus avós, tios e alguns primos.

Quando existe um monte de casas juntas nós chamamos de aldeia.

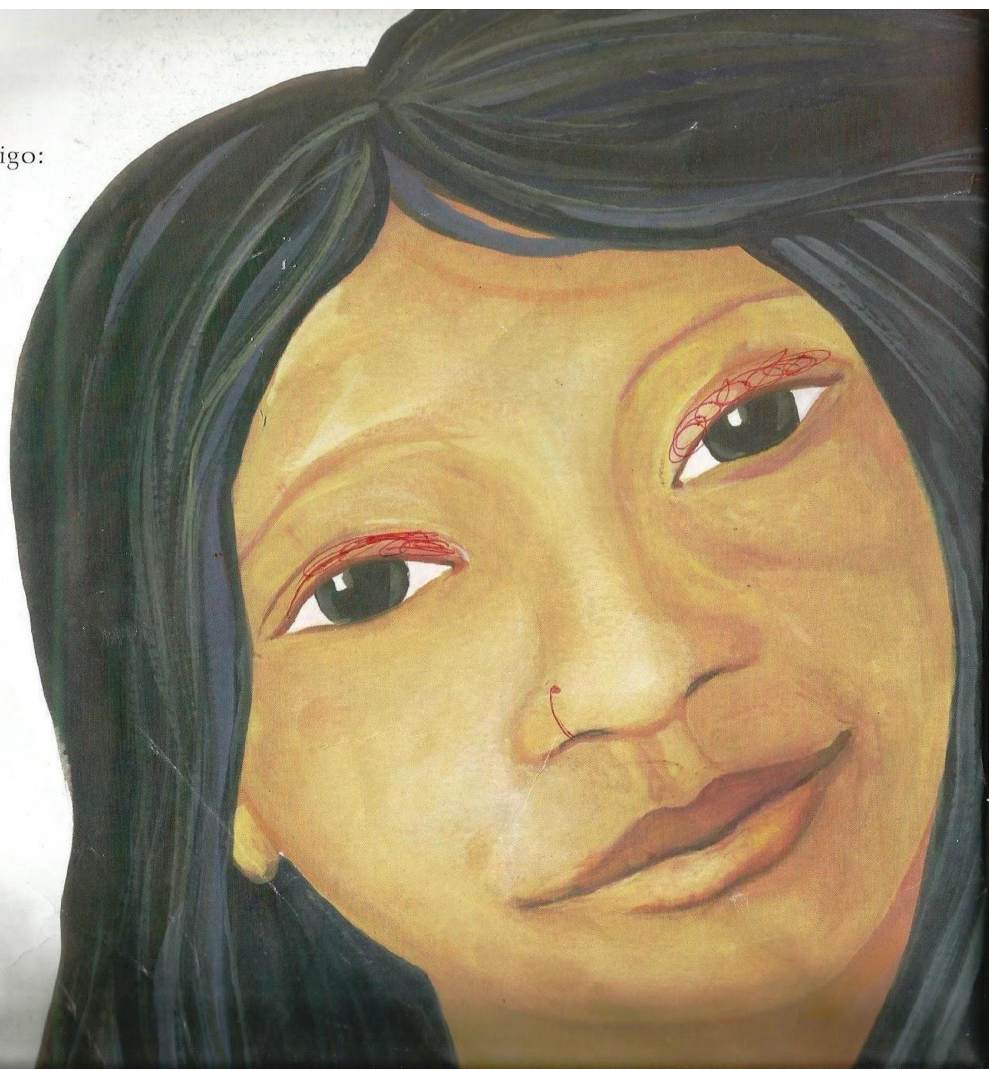
Assim é minha aldeia...

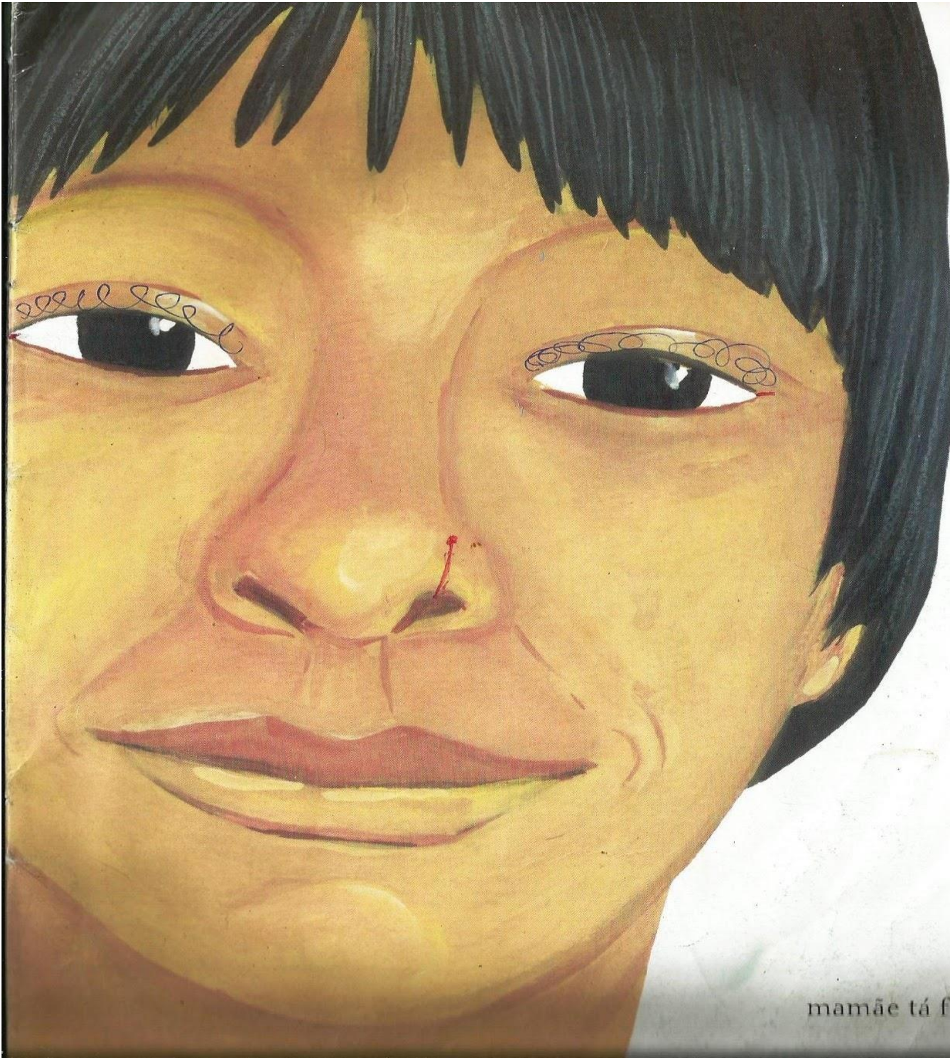


Perto da aldeia tem sempre um rio onde a gente brinca.



Mamãe está
sempre comigo:
brincando,
trabalhando
na roça,
tomando
banho...





E quando papai
chega da caça
ou da pesca,
eu corro logo
para o
colo dele...

Ele me abraça,
faz cócegas
na minha
barriga...

Enquanto isso
mamãe tá fazendo a comida.

Às vezes, papai consegue caçar bastante coisa:



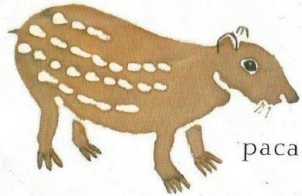
tatu



macaco



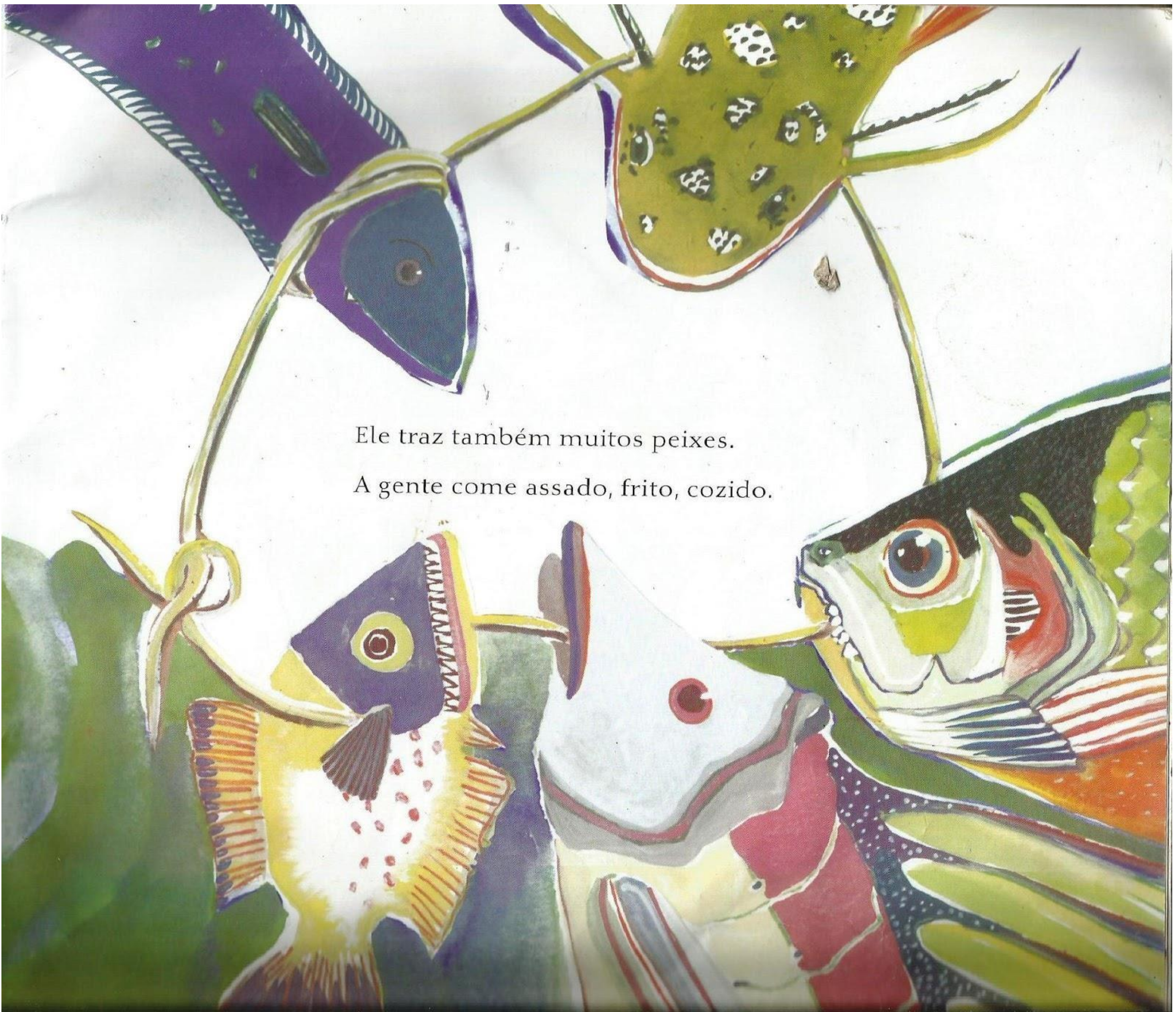
cutia



paca



capivara



Ele traz também muitos peixes.

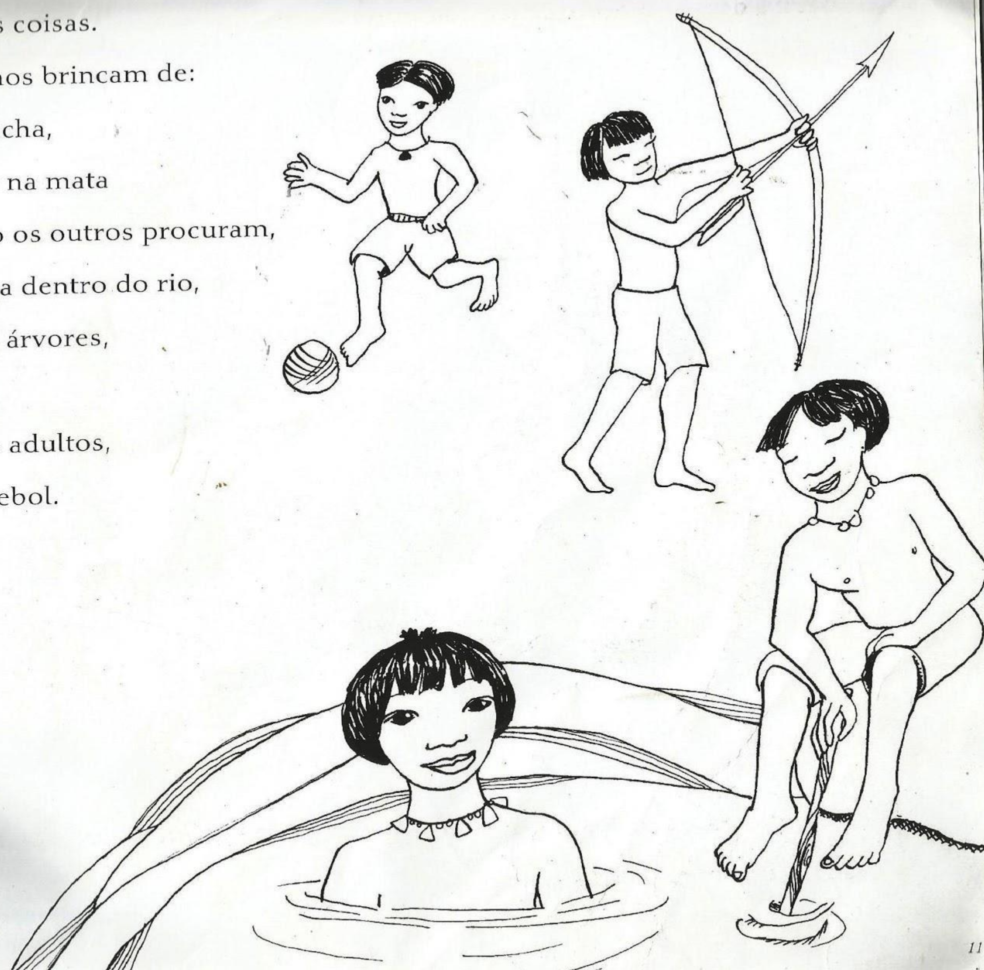
A gente come assado, frito, cozido.

Além disso, a gente também gosta de raízes e frutas: mandioca, cará, batata-doce, milho, açaí, bacaba, cupuaçu.



De todas essas coisas, a que mais a gente gosta é da mandioca, com a qual se faz bastante coisa gostosa.

Nós gostamos de brincar
de muitas coisas.
Os meninos brincam de:
arco e flecha,
esconder na mata
enquanto os outros procuram,
pega-pega dentro do rio,
subir em árvores,
pescaria,
imitar os adultos,
jogar futebol.



As meninas gostam de:

fazer bonecas com espigas e folhas de milho,

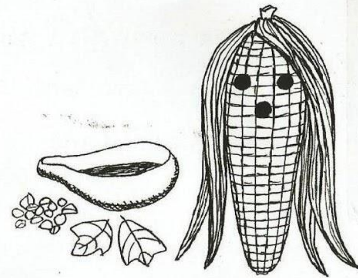
fazer comida,

mexer com os meninos,

cantar e dançar cantigas de roda,

subir em árvores,

nadar no rio.





Todos nós temos animais de estimação com os quais a gente brinca a toda hora: cachorro, papagaio, macaco, tucano, cutia...



A gente trata os animais como um parente nosso.

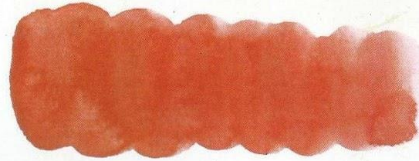
E é desse mesmo jeito que a gente cuida da natureza que nos rodeia.



Meu povo gosta muito de fazer festas.

Nesses dias, a gente se pinta com urucum, uma tinta bem vermelhinha,





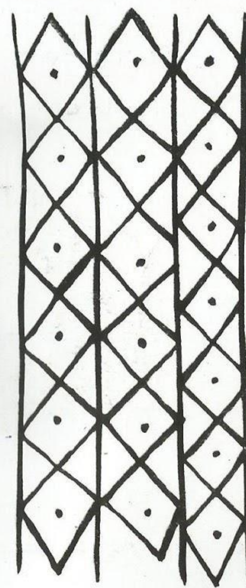
e com jenipapo, uma fruta muito gostosa da qual se extrai um óleo que, misturado ao carvão, fica bem pretinho...





Com essas tintas podemos fazer vários desenhos.

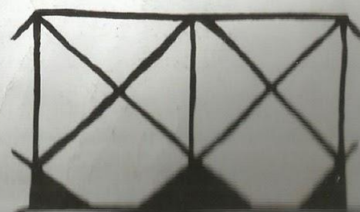








Nós as usamos em muitos momentos diferentes:
nos momentos de alegria e de tristeza;
nos momentos de tensão;
quando vamos caçar ou pescar.





Nossos avós nos dizem que a tinta pode nos tornar invisíveis diante de animais e peixes, mas para isso é preciso cantar e dançar para os espíritos da floresta.

É que a gente acredita que todos os seres da natureza têm um espírito que os protege e a nós também.

Por isso temos de aprender a nos comunicar com os espíritos da floresta, falar com eles, sonhar com eles, respeitá-los.

Só assim eles se deixam abater quando o caçador os encontra depois de seguir os rastros que os animais deixam no chão, nas árvores e no ar.



Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio para ouvir os sons da natureza;
nos ensinam a olhar, a conversar e a ouvir o que o rio tem para nos contar;
nos ensinam a olhar o voo dos pássaros para ouvir notícias do céu;
nos ensinam a contemplar a noite, a lua, as estrelas...

Eles se sentam conosco no pátio da aldeia, à luz de uma fogueira, e aí...

... eles nos contam histórias...

Histórias que falam de muito antigamente...

Nos falam de nossos primeiros pais...

nossos antepassados...

nossos ancestrais.



Essas histórias

nos ensinam a

amar a Terra,

nossa Mãe.

É para ela,

a Terra,

que dançamos,

cantamos,

nos pintamos...

É para manter o céu suspenso e a nossa vida que criamos nossos instrumentos musicais; nossas flautas entoam um canto sagrado que traz a cura.
Sim, a cura.



Nossos pais acreditam, e nós também, que as doenças são espíritos ruins que entram na gente quando estamos desatentos, em forma de dor de barriga, dor de cabeça, malária, febre, machucados, fraturas...
Quando adoecemos, quem nos atende é o pajé, usando o seu maracá, que traz a cura junto com os chás, as pastas, os banhos ou as massagens...

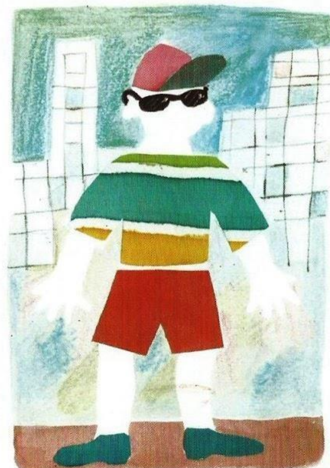
É verdade que hoje em dia tudo está muito diferente!

Nossas mães e avós contam que antigamente havia mais músicas, mais danças, mais festas.

Isso antes de os ***PARIWAT*** (brancos) chegarem entre nós.

Eles trouxeram muitas doenças, que nossos pajés não conseguem curar.





Hoje em dia, temos de andar com roupas que compramos na cidade, porque é perigoso andar nu, uma vez que as pessoas não sabem respeitar nosso corpo.

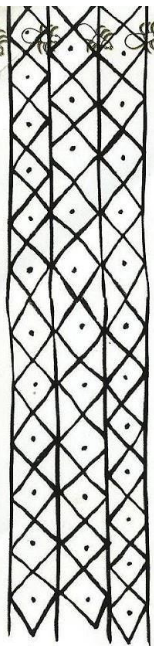
Ainda assim, meus amigos e eu vivemos muito felizes por morar onde moramos, comer o que comemos, cantar e dançar nossos cantos e danças tradicionais...

Nós gostamos de ser o que somos porque somos parte de um povo e temos orgulho de nossa gente, de nossa história, de nossos antepassados. E queremos contar aos nossos filhos tudo o que aprendemos, e queremos que eles contem para seus filhos e para os filhos de seus filhos.

Só assim continuaremos vivos...

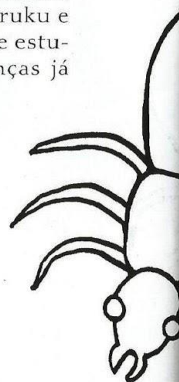



... e livres...



O PEQUENO KABÁ DAREBU, MEMBRO DO POVO MUNDURUKU

O povo **MUNDURUKU** vive às margens do grande rio Tapajós e seus afluentes, no estado do Pará, além de estar presente também no Amazonas. É um povo numeroso e, só na parte paraense, abriga aproximadamente 8 mil pessoas, espalhadas por mais de 80 aldeias. Todas as pessoas falam a língua munduruku e poucas dominam o português, apenas aquelas que tiveram oportunidade de estudar na cidade. Hoje em dia, há escolas dentro das aldeias, onde as crianças já aprendem a ler e a escrever em português.



VOCÊ SABIA?

Que a palavra "munduruku" significa **formigas gigantes**, por causa do aspecto guerreiro desse povo?

Que o primeiro contato com os brancos (***pariwat***) aconteceu só há 200 anos?

Que esse povo participou de uma revolta popular no Pará, denominada **Cabanagem** (1860-1865), e que recebeu uma prefeitura para administrar?



Que eram também denominados caras-pretas porque tinham o hábito cultural de tatuar todo o rosto de preto, num processo que chegava a durar 20 anos?

Que chamam de ***KARU-SAKAIBÊ*** o Deus criador de todas as coisas?

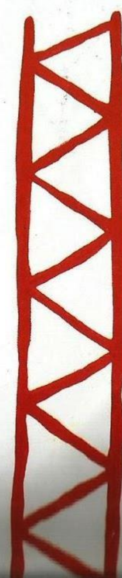


O BRASIL É UM PAÍS MUITO GRANDE...

Há uma diversidade de povos morando aqui: japoneses, coreanos, italianos, chilenos... Mas há também uma diversidade muito grande de povos nativos, ou seja, pessoas que já estavam aqui mesmo antes de os europeus chegarem.

Em 1500, havia cerca de 1.000 povos indígenas no Brasil. Hoje, ainda existem 215 povos que resistiram aos desencontros entre eles e os europeus.
Acredita-se que havia aproximadamente 900 línguas indígenas faladas no século XVI. Hoje, restam apenas 180 línguas indígenas, e alguns povos não se comunicam mais usando sua língua tradicional.
Quando os europeus aportaram aqui, havia aproximadamente 5 milhões de pessoas que dividiam o território brasileiro entre si. Atualmente os povos indígenas não passam de 350 mil pessoas.

Há quem pense que todos os índios são iguais, mas isso não é verdade. Cada povo tem sua maneira própria de se relacionar com a natureza. A esta relação com a natureza e à forma de transformá-la para o proveito de uma sociedade damos o nome de cultura. Por isso, dizemos que todos os povos têm cultura. Alguns têm uma cultura mais complexa, cheia de novidades, de tecnologias; outros povos a têm de forma mais simples, com uma tecnologia que satisfaça apenas suas necessidades básicas... Nem por isso uma é melhor ou pior que a outra.
A cultura se manifesta por meio da arte, da dança, da pintura, da religião, da comida, da música e do pensamento de um povo. O que parece estranho para um pode ser muito comum para o outro... e isso mesmo entre os povos indígenas!!!



Mas também há coisas que são muito comuns entre eles:
o amor pela natureza;
o respeito pelos caminhos da terra;
o modo de educar os filhos;
o hábito de contar histórias;
o fato de serem sociedades sem escrita;
o costume de pintar o corpo durante as cerimônias...
E para isso usam suas tintas, que os ajudam a ficar mais bonitos nos dias de festa, para agradar aos espíritos da natureza, para agradar à sociedade e manter o céu suspenso.







MANDIOCA: O PÃO DOS ÍNDIOS

Originária do Peru, a mandioca foi levada pelos índios por toda parte aonde iam.

Temos a mandioca-doce, que chamamos de macaxeira, e a mandioca--brava, que usamos para fazer a nossa farinha.

A mandioca-brava não pode ser comida frita ou cozida, pois contém um ácido muito venenoso. No processo de fazer a farinha, esse ácido é destruído pelo calor.

A macaxeira, ao contrário, contém pouco ácido, e podemos comê-la frita ou cozida.

Da mandioca fazemos o polvilho, o tacacá, a maniçoba, o tucupi e até uma cachaça que se chama ***DAÚ***.

A mandioca é um alimento muito importante, por ser rico em cálcio e fósforo. Mas ela contém poucas proteínas e deve ser acompanhada de alimentos ricos em proteínas, para não levar à desnutrição.

Para compensar isso, podemos consumir as folhas da mandioca e da macaxeira, ricas em vitaminas e sais minerais, bem mais nutritivas do que a própria mandioca.

As folhas novas são as melhores, e as folhas da macaxeira são melhores que as folhas da mandioca. Devem ser consumidas sempre cozidas ou secas ao sol e socadas no pilão, para eliminar a água.

A maniçoba é um prato típico da Região Norte do Brasil. É muito gostosa, e é feita com as folhas da macaxeira. Mas para ter em casa e usar, podemos preparar o pó, conforme a receita a seguir.

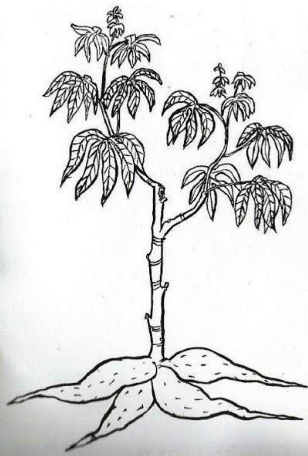
PÓ DA FOLHA DA MACAXEIRA

1. Secar as folhas limpas, à sombra, até ficarem bem sequinhas.
2. Pilar bem, ou bater no liquidificador.
3. Peneirar e guardar em vidro limpo, seco e bem tampado.
4. Acrescentar aos pouquinhos aos mingaus, sopas e alimentos das crianças e de toda a família.

É uma maneira prática e simples de enriquecer nossa alimentação com ferro, sais minerais e vitaminas, sem alterar o sabor dos alimentos.

É suficiente acrescentar uma pitadinha ou a ponta de uma colher.

Alguns pés de macaxeira podem ser cultivados dentro de casa ou mesmo no quintal.



RECEITA DE BEIJU DE MANDIOCA

Junte 3 quilos de mandioca. Retire a casca e lave bastante. Em seguida, rale num ralador (ou corte em pedaços pequenos e bata no liquidificador), até ficar como uma farinha molhada. Depois, esprema num pano limpo (na aldeia, usamos o tipiti). Espalhe numa frigideira, ou beijuzeira, coloque uma pitada de sal e deixe assar até ficar em ponto de virar. Não precisa colocar óleo.

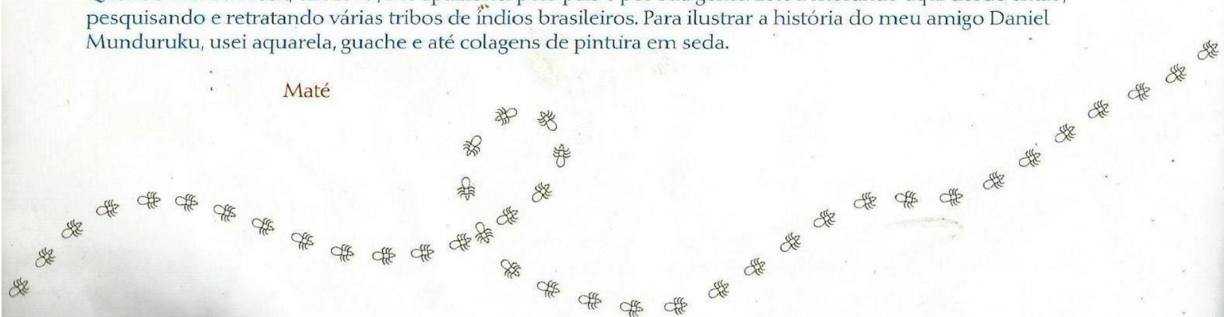
Depois de pronto, pode-se colocar um pouco de manteiga e saborear com café com leite ou suco de fruta.

Sou um índio que estudou na cidade desde pequeno, mas fui criado numa aldeia próxima a Belém. Aprendi com meu avô o que é ser índio; aprendi os segredos da floresta, do voo dos pássaros, a reconhecer a voz da nossa mãe, a Terra. Mais tarde, morei em Manaus, onde prossegui meus estudos e iniciei minha carreira de professor. Depois, vim para São Paulo. Foi nessa época que publiquei meu primeiro livro. Hoje em dia, viajo para muitos lugares para falar sobre a questão indígena, para falar sobre a literatura indígena que está começando a aparecer no Brasil. Também vou a escolas conversar com as crianças e contar como crio as minhas histórias, que sempre trazem personagens indígenas. Quem sabe a gente não se encontra por aí...

Daniel Munduruku

Chamo-me Maté (pronuncia-se "matê"). Nasci na França, em Saint-Étienne.
Sempre gostei muito de livros com histórias de exploradores, índios, cachoeiras, onças...
Quando vim ao Brasil, em 1979, me apaixonei pelo país e por sua gente. Estou morando aqui desde então, pesquisando e retratando várias tribos de índios brasileiros. Para ilustrar a história do meu amigo Daniel Munduruku, usei aquarela, guache e até colagens de pintura em seda.

Maté



Copyright do texto © Daniel Munduruku, 2001
Copyright das ilustrações © Marie Thérèse Kowalczyk, 2001

Projeto gráfico: Maté e Alexandra Abdala
Preparação de originais: Fátima Couto

Reimpresso em outubro de 2009
Impressão: RRosa

Direitos reservados para todo o território nacional
pela BRINQUE-BOOK Editora de Livros Ltda.
Rua Mourato Coelho, 1215, Vila Madalena - 05417-012
São Paulo - SP - Brasil - Tel./Fax: (11) 3032-6436
www.brinquebook.com.br - brinquebook@brinquebook.com.br

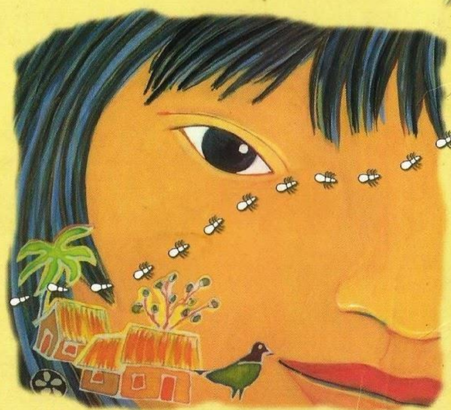


"Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio
para ouvir os sons da natureza;

nos ensinam a olhar, conversar e ouvir
o que o rio tem para nos contar;

nos ensinam a olhar o voo dos pássaros
para ouvir notícias do céu;

nos ensinam a contemplar a noite,
a lua, as estrelas..."



Kabá Darebu é um menino índio que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os munduruku.


ISBN 978-87-7412-086-7
9 788574 120867

BRINQUE-BOOK